

## AS RELAÇÕES IDENTIFICADAS ENTRE UM ESCRITOR PARAENSE E A FIGURA DO FLÂNEUR: A paisagem urbana no bairro da Cidade Velha em Belém

Ana Cristina Lopes Braga\*.

*RESUMO: Este artigo aborda o papel da flânerie e sua relação com o tempo e a memória como forma de apreensão do espaço urbano através de elementos pontuais evidenciados pela arquitetura. Com a leitura de Santa Maria de Belém do Grão Pará, de Leandro Tocantins, foi possível fazer uma relação do escritor com a figura alegórica do flâneur, que faz do seu percurso pela cidade a busca do reencontro com o passado através de imagens visuais e outras sensações.*

### INTRODUÇÃO

*Santa Maria de Belém do Grão Pará* despertou, além da necessidade de obter conhecimento sobre a história de Belém, o prazer da leitura pela narrativa de Leandro Tocantins que oferece nas páginas de seu livro uma viagem excitante pelos caminhos históricos da cidade.

Foram identificados nos contos de Tocantins, relações paralelas entre a postura do escritor e da figura alegórica do flâneur. O filósofo Walter Benjamin criou esse anônimo habitante da metrópole, no século XIX, fazendo com que a narração do flâneur habitasse e movesse a cidade perante o registro do seu olhar, da sua percepção e também, da sua memória.

Sempre avesso ao “pitoresco exótico” (FERRARA, 1993) que atrai o turista, o flâneur não se contentava com a primeira visão que imprimia à cidade, pois tinha como objetivo construí-la na narração resultante do seu passeio, na interseção entre aquilo que via e aquilo que se recordava. Logo, o flâneur representa uma figura alegórica essencialmente ambígua, pois ele é, ao mesmo tempo, sonhador e produtor de imagens de desejo e fantasmagorias. É tido como colecionador de sensações da grande cidade, tendo sobretudo, disposição “ao ócio e ao devaneio” (BOLLE, 1994).

Tocantins faz sua narrativa após caminhar por diversas ruas e lugares no bairro que deu origem à expansão urbana de Belém, onde ele

viveu a sua infância. Este passeio descomprometido o conduziu a um tempo longínquo, favorecendo o resgate da sua memória, decodificando suas sensações em palavras, que expressam o seu modo de ver a cidade. Para o escritor paraense, esse reencontro com a paisagem urbana atual foi uma tentativa de reavivar instantes passados (buscando novas sensações que despertassem a sua memória), a fim de traçá-los no campo literário.

Para BAUDELAIRE (apud FERRARA, 1993), a história da imagem urbana tem como fundamento o relato sensível das formas de ver a cidade: “*não é descrição física, mas os instantâneos culturais que a focalizam como organismo vivo, mutante e ágil para agasalhar as relações sociais que a caracterizam*”. Assim sendo, Tocantins assume uma postura, que pode ser comparada com a experiência do flâneur, recantos, largos e becos, azulejos e mangueiras, as igrejas antigas, os palácios, os solares, o velho e o novo, tudo surge como que por encanto, na prosa poética de um historiador que é, também, um sociólogo.

O passado é retomado aqui através de conhecimentos sobre a história de Belém, buscando o resgate da memória, presente no núcleo inicial da cidade. Voltando-se à leitura de *Santa Maria de Belém do Grão Pará*, locução poética dada à leitura de Belém e título do livro de Leandro

\* Graduada em Arquitetura – UFPA. Mestranda em Arquitetura – USP/EESC. Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UNAMA.

Tocantins, entende-se o que era a paisagem urbana desde o período de colonização, passando pela fisionomia herdada pela intervenção de Landi, e depois, pela fase áurea da borracha, dando lugar às intervenções urbanísticas imposta pelo intendente Antonio Lemos, prosseguindo até os dias atuais, em que Leandro Tocantins constatou as imposições da modernidade com o avanço do progresso. Estão registrados, também, os hábitos, a cultura, as festas populares, as crenças, enfim, tudo o que se refere ao desenrolar da vida social belenense em momentos históricos distintos. O destaque se dá às funções da memória exercitadas pelo historiador ao retornar à sua cidade natal, e o fato de extrair imagens do inconsciente, a fim de registrá-las e contrapô-las ao instante atual vivido.

*“Voltei à minha cidade para reviver. Revivê-la com aquela empatia tão caracteristicamente minha: a de verme em suas formas, suas cores, suas perspectivas de tempo (...). será uma reaparição destinada a manter vivos aspectos tradicionais da História, da vida, da fisionomia urbana de Belém, os seus valores, a sua memória cultural...” (TOCANTINS, 1987)*

Esta força que liberta a memória, deve ser entendida como a necessidade de resgatar uma dívida do presente para com o passado, sendo válida no sentido de assumir a valorização de elementos representantes da história, exemplarmente verificados nas artes em geral. Neste sentido, destaca-se a arquitetura que assume um importante papel na paisagem urbana e tem a sua linguagem (o artista comunica-se através da forma) que precisa ser decodificada e entendida. Ainda como linguagem, a arquitetura expressa sentimentos e conhecimentos, sendo reflexo de todo um contexto onde esteja inserida, marcando espaço e tempo, simbolizando experiências e técnicas já desenvolvidas, ou seja, a arquitetura quando verdadeira, é um símbolo e também um marco histórico.

Vale ressaltar também que toda e qualquer

experiência visual está embutida num contexto de espaço e tempo. Segundo ARNHEIM (1986), ver significa “*captar algumas características proeminentes dos objetos. O ver é compreender*”. A concreta percepção se faz valer pelo que foi conservado do passado, sendo este, resultante dos índices referenciais de um uso que se mantém atualizados. Em suma, o olhar tende a extrair da paisagem tudo aquilo o que lhe atrai, dando subsídios para se investigar o que é percebido.

Quando da associação dos termos percepção e memória, tem-se como resultado a questão do tempo reversível. Logo, o tempo é considerado como sequência linear. Numa paisagem urbana onde figuram obras arquitetônicas relevantes enquanto obras de arte e enquadradas em momentos históricos coincidentes ou próximos, o tempo se torna uma fusão entre passado e presente, e vice-versa.

### O FLÂNEUR E O DESPERTAR DA PAISAGEM URBANA

A aprendizagem urbana feita pelo *flâneur* envolvia como focos de interesse, algumas imagens espaciais características das novas relações sociais. Paris, representante máxima do século XIX, é apreendida através destas imagens que ocupavam o próprio lugar da cidade, propiciando ao *flâneur*, a possibilidade de aprender com a cidade.

A *flânerie* foi, portanto, uma tentativa ideológica com a intenção de reprivatizar o espaço social a fim de conhecer a realidade daquele meio, através da observação passiva do indivíduo. Na *flânerie*, a rua se torna moradia do flânador que sente-se à vontade diante das fachadas dos prédios. Ele caminha e se entrega ao devaneio. Deste modo, “*a cidade faz reacender o antigo sonho humano*”, afirma BENJAMIN (1989), que é o labirinto.

A cidade apresenta inúmeros símbolos, cenário ideal para o *flâneur* “curioso e heróico” encarnado na figura do “poeta alegorista” (MATOS, 1989). Decodificar esses símbolos é compreender a linguagem visual da cidade, conforme assegura CHESTERTON (apud

TOCANTINS, 1987) que dizia que as cidades falam por meio de sinais, e seus dedos são as casas, as torres das igrejas, as estátuas das praças. Resta, então, ao artista, o poder de nos apresentar o mundo com um encanto peculiar. MARX (apud BENJAMIN, 1989) enxerga o poeta como sendo um ser privilegiado, por ser capaz de assumir diversas personalidades e, portanto, fazer a leitura do real que lhe convém. Eis como Marx o descreve:

*“O poeta goza o inigualável privilégio de poder ser, conforme queira, ele mesmo ou qualquer outro. Como almas errantes que buscam um corpo, penetra, quando lhe apraz, a personagem de qualquer um. Para o poeta, tudo está aberto e disponível, se alguns lhe parecem fechados, é porque aos seus olhos não valem a pena serem inspecionados”.*

Sendo assim, admite-se que a percepção tem uma função pragmática, isto é, se percebe para “agir sobre o mundo” e não para conhecê-lo. Desta maneira, a percepção comporta uma estrutura que mostra do real aquilo que interessa à prática.

Através do uso, a memória urbana do indivíduo se qualifica, possibilitando que a sua referência no espaço se verifique com a decodificação de elementos pontuais, favorecendo o exercício de leitura.

A percepção, que provoca a *flânerie* em todos, tem como consequência, a montagem do espaço que pode se alterar de ilusão para conhecimento. Segundo BUCK-MORSS (1990), quando da transformação deste eixo de montagem para ‘história’, é possível, então, apreendê-la como tal. Por outro lado, ressalta-se a importância da função da memória, visto que ela é “*essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida*” (BOSI, 1987).

## A CIDADE VELHA SOB O PRISMA DE LEANDRO TOCANTINS

Referindo-se ao seu livro *Santa Maria de Belém do Grão Pará*, Leandro Tocantins (1987) adverte:

*“É a intenção deste guia que tenta destacar do grande conjunto alguns quadros (apenas alguns quadros) da natureza, da geografia humana, da História, da vida social, nos quais se envolvem lembranças do autor, de suas experiências de menino e, numa outra fase de reencontro de homem adulto”.*

Ele busca algo mais ao interpretar a história, como ver com olhos e alma de artista, os ventos, os verdes, os céus, as águas, os palácios, as igrejas, as barracas, os palacetes, os solares, os sobrados da cidade de Belém.

Após uma breve, mas explícita apresentação do seu livro, Tocantins esclarece o porquê da publicação de uma obra voltada à história de Belém, e tece comentários sobre os sentimentos vividos com os primeiros contatos, depois de um longo tempo fora da cidade:

*“Chego a Belém depois de prolongada ausência, mas como aqui, vagueiam lembranças, eternos ecos de engrenagens de vida! Foram de ontem, continuam hoje, acrescentam-se novos. A criação permanente, vária: uma geração vai, outra vem, mas Santa Maria de Belém para sempre permanece”(...). No meu espírito ela permanece límpida, o mesmo halo de magia. Cidade de minhas primícias a ela me entrego, de novo, voluptuosamente. Preciso revê-la, sentir-lhe os doces reflexos da separação”.*

Neste parágrafo, identifica-se o quanto Tocantins se permitiu envolver com a cidade, deixando fluir livremente as suas lembranças, destacando-se:

*“Cidade de minhas primícias a ela me entrego, de novo, voluptuosamente”.*

Desta forma, é possível relacionar a afirmação feita com as palavras de BENJAMIN (apud MATOS, 1989) quando fala do forasteiro como aquele que *“participa de algo que só podem sentir os antigos moradores de um lugar”*. Portanto, não é isso que ocorre ao nosso escritor saudoso e que se entrega às imagens resgatadas pela sua memória?

Pela sua forma de ver a paisagem urbana, Tocantins se apresenta com traços fortes, de quem recorresse à *flânerie*. Ele declara:

*“Vou nesta noite de trópico, sob o manto de estrelas mal saídas do colchão de nuvens escuras que precipitaram a chuva da tarde, rever a Cidade Velha, inseparável de mim. Num de seus sobrados, no Largo da Sé, ganhei a luz da vida (...). Sinto-me um estranho, uma solitária presença, os olhos em cenários em que outrora me incorporei com o viço e a alegria da meninice (...). Eu sinto por detrás do cenário da Cidade Velha alguma coisa está contida no tempo e não se oculta a mim”*.

A partir deste instante, Tocantins se dispõe a percorrer as ruas do bairro da Cidade Velha. E qual é o seu propósito, afinal? Será que ele pretende fazer uma *“viagem pelo tempo”*? Apreender imagens para obter conhecimento? Ir em busca de novas sensações? Parece que sim. E estes anseios são típicos de quem pratica a *flânerie*.

Ao se defrontar com a paisagem urbana de Belém, Tocantins sente o primeiro impacto diante dos arranha-céus. De certa forma, compreende que o progresso traz consigo estas marcas. Entretanto, o leitor é levado a identificar a verdadeira fisionomia da cidade, os prédios históricos, a cultura popular, os traços característicos do povo.

*“A paisagem urbana foi bastante reformulada em termos verticais: os edifícios numerosos parecem torres fantasmagóricas. Eu as vejo como sacrifícios, imolações em nome do progresso, que é necessário, mas perturba o verde e sereno colóquio no urbanismo belemense (...). Mas o eterno, o essencial, o imutável, ainda*

*faz sentido. É a estrela não escondida que paira em suas ruas, em suas praças, em suas travessas, em seus becos, em suas igrejas, em suas barracas, em seus sobrados, em seus palácios, em seus palacetes. Nas mangueiras, nítidas em belezas entalhadas no verde. Nas docas, nos portos, nos mercados, que das encardidas mãos dos caboclos, o povo, o humilde povo, brotam e reavivam coisas, formas, costumes, ritmos, cores, gestos, que são meios de expressar marcas e rumos da cidade”*.

Verifica-se em Tocantins uma forma de escrever a história da imagem urbana em que a fisionomia dada aos locais é capaz de torná-los significativos e legíveis. Ele demonstra, através de suas palavras, um interesse pleno por tudo que acontece potencialmente na cidade.

Como característica do olhar do *flâneur*, tem-se o olhar deslocado, e este assemelha-se ao olhar de Leandro Tocantins. É através da multidão que o *flâneur* vê a cidade. A massa é tida como um véu que cobre a imagem urbana. Tocantins constrói imagens fragmentadas pelo seu passeio, em uma Belém conturbada pelo vai-e-vem de pessoas, veículos, movimento das águas, do vento. E em sua narrativa, o leitor percebe que a presença do escritor assume um paradoxo: ele está envolvido pela massa, mas se distingue dela. O que, de fato, está por trás disso, é a busca pelo reconhecimento do viés labiríntico do lugar.

*“Não, não sou um estranho aqui, estes Largos, o da Sé, o do Carmo, o de São João, o do Palácio, estas ruas, Dr. Assis, Siqueira Mendes, Dr. Malcher, D. Tomásia Perdigão, estas travessas, da Vigia, Joaquim Távora, Cintra, Gurupá, Alenquer, estas beiras de rio - o Guamá sempre em trânsito formidável de águas e com os sinais inquietos das embarcações -, tudo isto é o grande plano de conjunto de minha adolescência. Começo a perceber que, mesmo em abstrações, libera-se dentro de mim a essência oculta desses eternos cenários”*.

Leandro Tocantins avalia o quanto é imprescindível o resgate da memória, no sentido de reviver suas emoções do passado. Para reforçar o que está sendo vivenciado, ele lembra Virgínia Woolf, que dizia que qualquer que seja a razão, deve-se criar cenas, pois é um jeito de apreender o passado. *“Uma cena sempre vem à tona ordenada, representativa”* (WOOLF apud TOCANTINS, 1987).

*“Não posso me esquivar de presenças invisíveis porque existe a lembrança, e para comprovar a lembrança, ali estão coisas que fundamentam imagens e todo um mundo sensorial. A instintiva faculdade de memorizar abre-se mais voluptuosamente à minha alma ao rever estes lugares do passado”.*

Constatada a necessidade de recorrer à memória, Tocantins lembra Proust e sua obra *O tempo redescoberto*. Ele coloca que Proust queria ver o homem ocupando no tempo, um lugar muito mais considerável do que o tão estreito, a si reservado no espaço. Ele diz:

*“Proust queria um ‘lugar desmesurado’, reunindo todas as épocas de sua vida, distantes, próximas, futuras. Tudo cabe no tempo proustiano”.*

Em geral, os textos de Proust ressaltam o passado, que é marcado pelos tempos verbais e pelas entonações das frases, como em *Sobre a arte*, texto dedicado a Jacques-Emile Blanche. De qualquer modo, o passado é presentificado devido à clara narrativa dos fatos trazidos pela memória. É característico da prosa proustiana “uma atmosfera quase ficcional”, afirma GONÇALVES (1994).

Tocantins se apodera da extensão da cidade de Belém, ao observá-la do alto de um edifício, e nesse momento, sua visão o deixa recorrer à sua memória. Ele diz:

*“Essa realidade instala-se em mim, transfigura-se numa aparição estética, em lembranças simbólicas(...) Nessa hora ocorre-me interessante dicotomia:*

*estou mergulhado no passado. Vejo-o em seus mares profundos, mas, de repente, tudo vem à superfície, e eu noto que isto me faz viver mais harmonioso com o presente!”*

Entende-se que nesse instante se dá o princípio da montagem do espaço, porque é nessa reformulação feita pelo trabalho da memória, quando da percepção do espaço, que é possível estabelecer uma compreensão da história.

Benjamin, quando trata da questão da percepção da cidade associada ao trabalho da memória, apresenta seu próprio objetivo:

*“Se dividirmos os retratos existentes de cidades em dois grupos, conforme o lugar de nascimento do autor, perceberemos que os escritos por autóctones são minoria. O motivo superficial, o exótico, o pitoresco só atrai os de fora. Para o autóctone obter a imagem de sua cidade, são necessárias motivações diferentes, mais profundas. Motivações de quem, em vez de viajar para longe, viaja para o passado. Sempre o retrato urbano do autóctone terá afinidade com o livro de memórias, não é à toa que o escritor passou sua infância nesse lugar”* (BENJAMIN apud BOLLE, 1994).

Pode-se confirmá-los, com palavras de Leandro Tocantins, que parecem tentar explicar o quanto lhe é recorrente fazer esse “jogo” entre o passado e o presente.

*“Quem, como eu, nesta revisita à cidade natal não caminha com olhos e alma no desejo de fruir a realidade captada por um sortilégio da memória? Há um centro sensível, uma voz oculta, há gestos em distâncias pressentidas, há instantes em aparições libertas da ordem do tempo”.*

Nesse reencontro com a cidade, numa paisagem bem diferente de outrora, conhecida por Tocantins, ele vai narrando, sensivelmente, tudo o que foi captado pelo seu olhar. Sua prosa poética

deixa transparecer as sensações despertadas pela atmosfera do lugar. Desta análise, é possível atribuir algumas características do *flâneur* ao escritor paraense, como:

✓ Buscar sensações diferentes daquelas que todos sentem, pois seu olhar é capaz de transformar a cidade em paisagem.

*“Ver-o-peso, as velas quentes e brilhantes de seus barcos e de suas canoas, Ver-o-peso que lateja, feito um pulso, a alma popular. Vozes, murmúrios, gestos, gritos, povo, o melhor, o mais genuíno da paixão e da vida do paraense!”*

✓ Recorrer a cenas inapagáveis na memória que surgem aleatoriamente (segundo HESTERTON apud BENJAMIN, 1989 - esta é a psicologia do *flâneur*).

*“A sede náutica do Clube do Remo, o meu Clube, cheio de meus sonhos de ali treinar regata no time de juniores, o Forte do Castelo, minhas brincadeiras em seus canhões enferrujados”.*

✓ “Viajar” entre o próximo e o longínquo nas ruas da cidade que o deixam à vontade, como se fosse a sua própria casa. Ser instrumento de percepção e através da multidão, apreender a imagem urbana.

*“Assim eu penso nesta minha ronda na Cidade Velha. O universo infanto-juvenil parece que é levado a uma espécie de hasta sentimental: a Igreja da Sé, a Igreja de Santo Alexandre, o Palácio do Arcebispo, a Igreja do Carmo, a Capela de São João Batista (...), a doca do Ver-o-peso, tão vivida pelos barcos e canoas, terra e mar nos ventos das marés e das viagens, a Procissão do Círio de Nazaré, a Procissão do Corpo de Deus, que nunca se calam, nunca somem, começam ali, ao pé do meu sobrado, o bonde ‘Bagé’ cantarolando pela R. Dr. Assis, árias de rodas e de trilhos, como se fossem harpas de ferro”.*

Tocantins, assim como fez Baudelaire, foi capaz de abordar sensivelmente, o espetáculo da cidade numa prosa poética, ante o registro do seu olhar, fazendo uso também, da sua memória. Enquanto Baudelaire escreve poesia, Leandro Tocantins faz uso da prosa, que em *Santa Maria de Belém do Grão Pará*, a paisagem urbana é ressaltada, na intenção de levar o leitor a ver, sentir e interpretar esta paisagem.

## CONCLUSÃO

*“... se o flâneur se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade ... Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista.”* ( Benjamin, 1989, p.38 )

*“ Aquela embriaguez anamnética em que vagueia o flâneur pela cidade não se nutre apenas daquilo que, senhorialmente, lhe atinge o olhar; com frequência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como de algo experimentado e vivido.”* ( Benjamin, 1989, p.186 )

Ao se concluir este trabalho, faz-se uma referência ao filósofo Walter Benjamin, que como crítico da modernidade, elaborou uma das leituras que melhor expressa o modelo perceptivo do meio urbano. A título de ilustração, os fragmentos acima descrevem em síntese o pensar do filósofo acerca das características inerentes ao *flâneur*.

A cidade fornece uma gama de elementos que favorecem a sua leitura. A cidade de Belém, ou mais especificamente, o bairro da Cidade Velha, tem o que lhe é mais característico : a fisionomia colonial, em função da ocupação portuguesa e a presença de construções tardo-barrocas, frutos do desenho arquitetônico de Antonio Landi. Além disso, os traços do povo, os cheiros, os costumes, as cores da cidade. A configuração urbana ali presente resulta de toda a concretização da História desde os primeiros tempos de colonização, adaptada às necessidades atuais. O que pôde ser conservado e o que ainda tem chances de permanecer como exemplo de uma época são os que mais se destacam.

O olhar do alegorista que toca a cidade está presente na poesia de Baudelaire. Este olhar é o olhar do *flâneur*, “cuja forma de vida envolve ainda com um brilho reconciliador a do cidadão da grande cidade” (MATOS, 1989). Quando da análise da obra de Charles Baudelaire, Benjamin explora a questão do olhar, que na grande cidade, se protege da ‘experiência do choque’ e dos ‘riscos de vida’, convertendo-se em ‘dispositivos de segurança’. Através de Baudelaire, Benjamin aprendeu a ver a cidade como um sistema, assim como o corpo humano, e aplicar a técnica da superposição.

O poeta-alegorista encarnando na figura do *flâneur* faz uma leitura fragmentada do real. Destes fragmentos, assegura MATOS (1993), “o que menos importa é sua descontinuidade”, pois o essencial são os elementos simbólicos, tidos como objetos de reflexão.

A *flânerie* se perdeu com o passar do tempo. A cidade atual, palco de grandes e visíveis transformações, não permite a sobrevivência do flâneador (FERRARA, 1991). O olhar do *flâneur* vai perdendo dimensão. Para MATOS (1989), isto significa a dissolução do sujeito. Ela argumenta que “*não há mais sujeito em um mundo onde as leis de mercado regem a vida de cada um, mesmo daquele que pareceria escapar: o poeta*”.

Assim sendo, diversas manifestações, quer sejam artísticas e/ou culturais passam despercebidas - ou passam a ser despercebidos - não apenas pelo fato de não interessarem à prática de um ou outro indivíduo, mas também por sua localização, muitas vezes desprivilegiada por uma série de fatores (trânsito, árvores, postes de luz, letreiros luminosos). Isto se confirma com as palavras de GOMBRICH (apud ARNHEIM, 1986) que diz: “*Quanto maior for a importância biológica que um objeto tem para nós, mais estaremos capacitados a reconhecê-lo - e mais tolerante será portanto nosso padrão de correspondência formal*”. Contudo, acredita-se que os elementos pontuais da cidade tornam-se índices referenciais urbanos por serem destaques na paisagem.

A leitura do livro de Tocantins foi válida como aprendizado, pela forma de apreensão de

imagens urbanas numa dimensão bem diferente das observadas no cotidiano. A retórica das palavras na descrição da paisagem, do ponto de vista particular, é favorável à compreensão da leitura feita por Tocantins, construída através da percepção, numa relação espaço-temporal.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 3.ed. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III*: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz / EDUSP, 1987.
- BUCK-MORSS, Susan. *O flâneur, o homem-sanduíche e a prostituta: a política do perambular*. In: *Espaço e Debates*. n.29. São Paulo: NERU, 1990.
- FERRARA, Lucrecia D’Alessio. *Olhar periférico*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- GONÇALVES, Aguinaldo J. *A propósito da crítica de Marcel Proust*. In: PROUST, Marcel. *Nas trilhas da crítica*. São Paulo: EDUSP/Imaginário, 1994.
- MATOS, Olgária. *A cidade racionalista*. In: Os arcanos do inteiramente outro. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O iluminismo visionário*: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.